

Madalena e a Amizade das Sombras

Evaristo E. de Miranda

14/05/2007

*Maio de 1983. Alto sertão de Pernambuco.
Chega-me do Mediterrâneo a reprodução de um de la Tour e linhas
manuscritas e bem traçadas por Patrick Bousquet, parafraseadas
parcialmente a seguir:*

(...) Madalena solitária e a amizade das sombras... onde a beleza do pigmento leitoso de seu seio, escapa ao alcance do espelho. Ela está só. E no vidro vazio, só contempla a vacilante chama de uma vela... Dupla talvez, mas cuja binária propagação não é mais do que uma catástrofe ao quadrado. O espelho só capta, por todo prestígio, a fugaz e definhada língua de uma vela. Ele só capta um fogo tênue que flerta com sua anulação... sim, o fogo, a chama, o brilho da mulher, e a tenuidade desta última. Tudo se diz ao espelho... Ela renuncia a sua prestigiosa imagem e só contempla de si mesma, a presente, sua precariedade, sua carne perecível... Madalena libertou-se de todas as escamas que contrariavam a contemplação da verdade: suas jóias jazem sobre o móvel, por terra...aquém de todo reflexo... como Madalena. Elas jazem como seres arrasados... hidras aniquiladas.

Madalena, é como São Jorge enfrentando o dragão... e esses colares inertes são como os esqueletos, os raques lívidos e dessecados de uma tarasca, sob o ferro de lança da chama. Madalena triunfou sobre ela mesma... Ela quebrou sua imagem, ou melhor, o que nela, ocultava o nascimento do Outrem. Madalena passou de uma concepção do Ego, à descoberta do Outro. Ela aceita como imagem total de si mesma, o signo de seu próprio desaparecimento... Ela se sabe plenamente marcada pela castração. O luto será seu pão... e a sombra matará sua sede.

Nós só podemos viver pela poda sistemática de nossos apetites de parada. Nos será necessário deitar com o corpo acre de nosso próprio eclipse!! e nos interrogar sobre o porque de nossa ausência, ali onde o Outro é. (...)

Meum gaudium